Design, espaço e mediações: aprendizados a partir de uma feira urbana popular no Distrito Federal

Nathalia Feitosa Barbosa, Daniela Fávaro Garrossini

Feiras Populares, Saberes Situados, Design

Este artigo investiga os aprendizados epistemológicos que práticas informais podem oferecer ao design diante dos desafios contemporâneos. A partir de um estudo qualitativo realizado na Feira Central de Ceilândia localizada no Distrito Federal, com observação de campo e entrevistas com feirantes, analisa-se como saberes locais, arranjos sociotécnicos e estratégias de adaptação sustentam a dinâmica desse território. Os resultados apontam tais práticas como formas mais situadas, coletivas e relacionais de compreender inovação e tecnologia que o design pode aprender.[1]

1 Introdução

Em cada lugar, o tempo presente se defronta com o tempo passado nas chamadas rugosidades, termo utilizado por Santos (2003) para descrever o que na paisagem atual, representa um tempo anterior que nem sempre é visível, mas se mantém como acumulação de conhecimento. Viver em um mundo que é crescente, sempre em formação, exige a adaptação, como uma forma de prever criativamente formas para resistir. Assim, a organização do território da cidade desenrola-se pelo modo em que as relações sociais se encontram e se organizam.

No contemporâneo, a influência direta e profunda das atividades humanas na dinâmica do planeta terra, nos levaram até o momento atual onde vivemos uma dinâmica em que modelos hegemônicos têm se mostrado insuficientes para responder aos questionamentos sobre as possibilidades de explorar e criar novos modos de vida diante das complexidades territoriais que atravessam as cidades. Sob o imperativo da marcha do capitalismo, somos impactados no corpo social e na relação com o espaço: nós mesmos, os arredores e o mundo.

Esse fenômeno, já apontado por Harvey (2011) dentro da sua teoria sobre a produção capitalista do espaço, destaca como o acúmulo de capital impacta diretamente as formas de espacialidade e as relações sociais. Cenário este que ocorre principalmente na cidade-metrópole globalizada,

[1] O texto utilizou-se da ferramenta de inteligência artificial Chat GPT para fins de revisão gramatical e ortográfica, ressaltando e garantindo que todo o conteúdo, ideias e escrita apresentados nesta pesquisa são de autoria própria.

onde as discussões em torno do que engloba modernidade e progresso moldam nossas práticas cotidianas e organizam as nossas experiências através da rapidez com que o mundo globalizado nos exige, o que têm contribuído para a marginalização e apagamento de espaços horizontalizados, considerados tradicionais e periféricos, que muitas vezes divergem das verticalidades[2] dos centros urbanos.

No campo do design, essa limitação mostra a importância de mudar o foco. Pois, apenas quando compreendemos que a periferia desenvolve seus próprios mecanismos, estratégias e formas de mediação que fazem sentido dentro do seu contexto, é que somos capazes de entender a imaginação das massas (Gaudin, 1978 apud Santos, 2003) como uma alternativa criativa para lidar com essa realidade. Passamos então a identificar territórios que se manifestam na invenção de objetos da vida cotidiana como uma adaptação criadora à existência.

É nesse cenário que as feiras populares emergem como ecossistemas sociotécnicos vivos, nos quais saberes locais, arranjos informais e mediações cotidianas articulam estratégias tácitas de permanência e subversão. Essas táticas discutidas por Certeau (2014), constituem o modo pelo qual os usuários se apropriam do espaço organizado por meio de técnicas de produção sociocultural, assumidas pela criatividade "bricoladora"[3] (Jacques, 2011) de grupos periféricos que atuam com práticas alternativas para se manter em constante evolução.

Ao reconhecer esses espaços como lugares de produção de conhecimento, este artigo propõe refletir sobre os aprendizados epistemológicos que práticas informais em uma feira popular podem oferecer ao design diante dos desafios de habitar e produzir dentro do espaço urbano. Sendo um desdobramento da dissertação de mestrado da autora, o presente artigo articula especificamente sobre as práticas informais, cotidianas e territorializadas observadas na Feira Central de Ceilândia, Região-Administrativa (RA)[4] localizada no Distrito Federal (DF), capazes de tensionar visões hegemônicas de tecnologia, inovação e sustentabilidade.

[2] Conceito de Milton Santos (2003) no livro A Natureza do Espaço, onde para ele as verticalidades são vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos, criando um cotidiano obediente e disciplinado. Enquanto as horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada.
[3] Jacques (2011) utiliza o termo para falar de uma arquitetura ao acaso, que ocorre por meio da construção em pedaços.
[4] De acordo com o Governo do Distrito Federal (2022) "Diferentemente dos estados do país, Brasília não é dividida em cidades e bairros, portanto não há prefeituras [...] o DF é composto por 35 Regiões Administrativas (RAs) oficialmente constituídas como dependentes do Governo do Distrito Federal. Cada uma tem outras mil faces e reproduzem a essência da diversidade brasiliense.

Neste trabalho, a metodologia de pesquisa incluiu revisão bibliográfica, pesquisa de campo por meio de observação in loco e análise qualitativa dos dados. O momento de pesquisa de campo envolveu observação direta, entrevistas com feirantes e análise das práticas cotidianas relacionadas ao design e à tecnologia. Por meio de registros fotográficos e da história oral, buscou-se materializar a memória do lugar a partir de sua linguagem própria, sobretudo quanto às formas de usar, improvisar, cooperar e transformar os espaços de uso coletivo.

2 Feira Central de Ceilândia como ecossistema sociotécnico

Presentes no cotidiano brasileiro, as feiras populares, enquanto prática social de intercambiar bens, fazem parte quase de maneira imanente, ao surgimento e história das cidades. Ao adentrar nas histórias do surgimento de Brasília, a nova cidade capital do Brasil, por ter seus primeiros habitantes compostos por migrantes de diversas regiões do país, com destaque para as populações de origem mineira, goiana e nordestina, as feiras atuavam enquanto local de enraizamento e reproduziam diferentes culturas e tradições, possibilitando a sensação de pertencimento daqueles que vinham recomeçar a vida no novo lugar.

Figura 1 - Montagem da Feira Central de Ceilândia nos anos 1970. Fonte: Jornal Taguacei (2023)



ente e disciplinado. Enquanto as

Figura 2 - Faixada da Feira Central de Ceilândia em 2024. Fonte: Autoral (2024)



Esses espaços convergem horizontalidades e verticalidades, conceitos de Santos (2003). Enquanto as horizontalidades são, sobretudo, a produção e o locus de uma cooperação limitada, as verticalidades sobretudo, contam com os momentos circulação, distribuição, consumo, sendo o veículo de uma cooperação mais ampla, tanto económica e politicamente, como geograficamente. Eles são então o cenário de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista.

As feiras aglutinam ações externas com solidariedades criadas no lugar, impondo limites à organização que vem de fora. Assim, mesmo havendo uma lógica própria nas formas de se organizar ou até mesmo desorganizar, o lugar também é influenciado por fatores externos, com os quais se relaciona diretamente. Destacando sua capacidade de adaptação para responder às mudanças internas e externas, entendida como uma “propriedade de evolução” (Rizardi & Metello, 2022). Lucas (2007) exemplifica:

> A criatividade com que os habitantes trabalham seus referentes culturais, na tentativa de se equiparar aos modelos globalizados, remonta a análises presentes na América Latina cujo limiar interpretativo

ente e disciplinado. Enquanto as

> aponta para um tipo de modernização hibridada, pontuada pela bricolagem e a invenção. Mas por outro lado, demonstra a força e a determinação da população em conquistar um espaço digno para se viver, característico nas comunidades do DF e entorno. (Lucas, 2007).

Motivadas por necessidades, adotam-se ferramentas inovadoras respeitando a vivacidade social, que pode ser vista na forma como as pessoas se conectam, compartilham experiências e geram novas oportunidades a partir dessas interações. Como também à sobrevivência da memória, uma vez que o espaço é carregado de valores histórico-culturais, mesmo que esses se atualizem cotidianamente. Essa característica é fundamental para compreender a natureza de uma feira como um organismo vivo, que lida com múltiplas temporalidades.

Ramos (2024) expõe atentamente que apesar de ser vista como anacrônica, a feira se faz presente e atualizada. Surgem novos produtos, materiais que compõem as bancas, máquinas que auxiliam os ofícios entre outros objetos, ainda que não sejam de última geração. Essas mudanças refletem não apenas a diversificação dos produtos comercializados, mas também a adaptação das práticas comerciais e o surgimento de novas tendências culturais e econômicas

Nota-se que o esforço para preservar suas raízes não se limita à manutenção de tradições e identidade, mas também se estende ao desejo de se firmar no presente, para garantir o crescimento e a continuidade no futuro. Assim, a interação constante entre os feirantes, consequência da obrigação da vizinhança, configura um terreno comum, no qual suas vozes, experiências e práticas se entrelaçam. Fazendo com que a tensão entre o individual e o coletivo se revele no cotidiano, sendo um reflexo das complexas interações que permeiam a vida em comum.

3 Abordagem metodológica

Ao compreender a feira como um ecossistema, parte-se da compreensão de que os fenômenos que investigamos como práticas informais, mediações sociotécnicas e estratégias de permanência, são indissociáveis do território em que emergem. Portanto, este estudo adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo.

A escolha desse contexto justifica-se por sua relevância territorial e por sua capacidade de evidenciar modos alternativos de organização, tecnologia e habitar em contextos urbanos periféricos. A feira é um tipo de território que articula diferentes narrativas entre presente, passado e futuro. Onde o tempo presente funciona como uma intersecção, a representar o passado, mas em uma transição dinâmica onde as formas mudam, paradoxalmente, para manter

o seu próprio desenvolvimento. Essas transformações são percebidas tanto no tipo de produtos comercializados, quanto ao perfil dos feirantes e pessoas que circulam no local, afetando consequentemente nas práticas e técnicas que surgem nesse contexto.

Percebemos que era preciso conhecer bem esse território e suas atividades ocorridas, assim como conhecer quem as executava. Por esse motivo, a coleta de dados envolveu observação direta e sistemática das dinâmicas cotidianas da feira, como também entrevistas semiestruturadas com feirantes. Por meio da observação in loco foi possível acompanhar práticas de uso do espaço, arranjos técnicos improvisados e formas de mediação entre os atores, enquanto as entrevistas contribuíram para compreender percepções, narrativas e estratégias adotadas pelos feirantes.

Em uma primeira prática de frequentar o lugar, despertou-se um envolvimento com a comunidade, por uma conduta que se aproxima do design etnográfico, operando para além de uma simples observação dos participantes, incluindo nesse andamento mais interação e conversas. A ideia avançou de forma a abranger nas conversas temáticas que pudessem contemplar as questões a respeito de: (1) História e Relação com a Feira; (2) Habilidades e Conhecimentos Práticos; (3) Aspectos Materiais e Tecnologia; (4) Relação com o Futuro e Visão de Futuro; (5) Mediações Tecnológicas e Sociais; (6) Interação e Identidade Cultural.

O público envolvido no processo definiu-se pela seleção de 8 feirantes ativos no local, que pudessem se dispor a participar da dinâmica proposta. Percebe-se que entre os selecionados, esses se enquadram nos perfis de (1) Memorista da Feira e (2) Legatário Cultural, explicados na tabela abaixo, de modo que esse corpus definido nos viabilizou uma visão ampla sobre o tema.

Tabela 1 - Descrição dos perfis de feirantes selecionados. Fonte: Autoral (2024)

1. Memorista da Feira	Representado por indivíduos que têm uma longa trajetória de envolvimento com a feira. Essas pessoas não apenas vivenciaram as transformações do espaço, mas podem também terem atuado ativamente na consolidação das tradições e na adaptação às dinâmicas sociais contemporâneas.
2. Legatário Cultural	Inclui pessoas mais jovens que se somaram à feira ou dão continuidade aos negócios familiares, contribuindo na manutenção e existência do espaço. Sua perspectiva oferece uma visão inovadora sobre a

ente e disciplinado. Enquanto as

	continuidade e a transformação das práticas comerciais e sociais.

Posteriormente, no processo de análise buscou-se identificar padrões e recorrências, interpretando-os à luz do referencial teórico estudado durante o processo de pesquisa da dissertação, incluindo questões sobre território, design e tecnologia social. Desse modo, mais do que categorizar dados, a análise procurou compreender as relações e tensões que estruturam o ecossistema da feira. No presente artigo por fim, empenhou-se em evidenciar os aprendizados evocados para o campo do design diante da sociedade acelerada em que vivemos.

4 Da Teoria à Prática: Aplicação da Metodologia para Coleta e Análise de Dados

Com o intuito de interpretar como as comunidades respondem aos desafios globais, assimilando à questão da perene resiliência das feiras populares ao longo do tempo, necessitou-se uma maior aproximação desse cotidiano, para que fosse possível perceber e captar as mediações efetivas e inovadoras no trabalho dessas pessoas que resolvem diariamente problemas inspirados pela sabedoria popular, articulados pela vida cotidiana e pela especificidade dos seus ofícios.

Exercitando métodos qualitativos de pesquisa, ainda nesse primeiro momento de compreensão e experimentação, foram utilizados meios de observação participante, anotações e uso da fotografia. Ao mantermos nosso olhar voltado para aqueles que não estão em posição de destaque na sociedade, como os atores sociais que compõem o território da feira, acreditamos que esses sujeitos possuem relatos de produções significativas, como o uso que os meios populares fazem das culturas difundidas e impostas pelas elites produtoras (Michel de Certeau, 2014).

Figura 3 - Reconhecimento da Feira. Fonte: Autoral (2024)



Rafael Cardoso (2012) fundamenta sua teoria a partir do argumento de que a maneira como o ser humano pensa está sempre vinculada às linguagens disponíveis, moldadas pelo histórico de atividades anteriores nesse campo. É o que podemos perceber ao chegarmos numa feira, com a disposição de prestar atenção: inversões discretas, criadas constantemente por meio de combinação de possibilidades, que fazem surgir inúmeras alternativas.

A análise dos dados foi organizada a partir de seis eixos temáticos, que articulam observações de campo e entrevistas com feirantes de diferentes idades e atividades, abrangendo desde práticas tradicionais até a comercialização de produtos contemporâneos.

4.1 História e Relação com a Feira

No momento das entrevistas, foram ouvidos feirantes com idades entre 18 e 75 anos, com diferentes trajetórias e inserções no trabalho da feira. Quando falamos com o grupo de Memoristas, os feirantes desse primeiro grupo viram grande parte das mudanças que o espaço da feira sofreu ao longo dos anos, quando desde crianças frequentavam a feira ajudando seus pais ou mesmo quando eram eles os adultos, que vieram de longe para começar o novo negócio.

Os relatos evidenciam os sacrifícios que o ofício de feirante requer, o pouco tempo em casa com a família e o trabalho árduo, assim como as adversidades de todo o dia, se adaptando e readaptando com frequência.

> "Começou o meu trabalho como feirante, bom...eu colocava um papelão no chão e vendia dez camisetas, no outro dia eu comprava mais dez, era assim, pra comprar o pão, o leite dos meus filhos, que o pai deles me largou, só tinha 32 anos, hoje em dia eu tô com 70. Então graças a Deus eu criei meus filhos, tudo aqui nessa feira." (Relato de Maria[5], 70 anos, feirante do grupo de Memoristas, 2024)

4.2 Habilidades e Conhecimentos Práticos

Mais do que guardiões de um passado, os memoristas operam como mediadores de saberes, compartilhando práticas, histórias e modos de fazer com aqueles que chegam depois. Nesse processo de convivência e aprendizagem situada, suas experiências passam a orientar e influenciar novas gerações interessadas em permanecer no território e aprender o ofício de ser feirante.

> "Todo dia a gente aprende, né? Tem que ter muita paciência, né? A gente vai se aperfeiçoando, tem temperos novos que eles inventam, né? (...) Eu falo que aqui é uma escola." (Relato de Ana[6], 58 anos, feirante do grupo de Memoristas, 2024)

4.3 Aspectos Materiais e Tecnologia

Ao exercitar as capacidades de designer e pesquisadora nesse espaço, o que se percebe na verdade é que dificilmente um produto projetado externamente, a partir de uma lógica de "cima para baixo", por exemplo, seria tão eficaz para os problemas dos feirantes, quanto os produtos e soluções que eles mesmos realizam e fabricam na feira. Quando as decisões e diretrizes são impostas de cima para baixo, podem não considerar completamente as condições e desafios, levando a planos e soluções que não são viáveis ou que não funcionam bem na prática.

Observam-se sacolas plásticas suspensas, penduradas em arames, calculadoras fixadas com barbantes, cartazes manuscritos em contraste com banners impressos e até mesmo painéis digitais, máquinas de cartões de crédito e códigos QR (Figura 4). Esses elementos representam tecnologias marginais, que coexistem com a combinação e modificação de processos e materiais pré-existentes.

[5]Nome Fictício
[6] Nome Fictício

ente e disciplinado. Enquanto as

Figura 4 - Tecnologias de Feira. Fonte: Autoral (2024)



Figura 5 - Tecnologias de Feira. Fonte: Autoral (2024)



Numa feira uma bacia nunca é só uma bacia, um isopor nunca é só um isopor. Eles viram suportes de frutas, vitrines de óculos e a partir de materiais como estes, se desdobram inúmeras outras formas e objetos (Figura 5). Esses equilíbrios compensatórios sutis, correspondem idealmente a cada espaço, produto e feirante, ainda que não se eliminem as limitações

ente e disciplinado. Enquanto as

financeiras ou de recursos que parecem ser a causa para que esses objetos sejam contrabalanceados..

4.4 Relação com o Futuro e Visão de Futuro

É nesse contexto que emerge o grupo dos legatários, que completam nosso conjunto de entrevistas. Os mesmos alegam que puderam perceber em si mesmos uma evolução no seu desenvolvimento no tempo em que estão na ativa, atuando nessa profissão. Desde mudanças na sua desenvoltura pessoal, onde a necessidade os capacitou a agir com mais agilidade e fluência, a partir da experiência do trabalho. Como também nas habilidades específicas que o ofício exige para sua execução.

Ainda que os feirantes desse grupo ocupem, literalmente e figuradamente, áreas bastante distantes dos Memoristas, eles compreendem a importância da feira por parâmetros muito semelhantes. Para eles, o papel principal da Feira Central de Ceilândia é a cultura que ela carrega com ela, abrangendo dessa forma a característica nordestina, mas para eles também fala de outras culturas, e exaltam a diversidade e os próprios feirantes como necessários para manter a tradição.

> “Consequentemente, eu quero que meus filhos sejam comerciantes também, porque eu quero abrir meu próprio negócio, então eu quero ensinar para eles como é ser comerciante, como é essa vivência de lidar com o público. (...) A própria cultura. A diversificação, essa miscigenação, certo? A palavra é miscigenação. Isso é enriquecedor. É uma questão, além de só cultural, é necessário, né? Além da galera vir comprar roupa, também a galera vir comer, a galera vir almoçar. É um enriquecimento cultural, né?” (Relato de João[7], 18 anos, feirante do grupo de Legatários, 2024)

4.5 Mediações Tecnológicas e Sociais

No tocante das tecnologias, ainda que os mesmos não identifiquem suas produções como pertencentes a esse tipo de definição, relatam que cada vez mais plataformas consideradas tecnologias da informação e comunicação são utilizadas com mais frequência como aliadas para esse processo.

> “Principalmente o Instagram. Eu acho que pra todo mundo, o Instagram é super importante, né? Porque é a ferramenta mais fácil de utilizar. E o Facebook. Esses dois. Faz diferença, com certeza.” (Relato de Jéssica[8], 18 anos, feirante do grupo de Legatários, 2024)

[7] Nome fictício
[8] Nome fictício

ente e disciplinado. Enquanto as

Contudo, é perceptível em suas falas o quanto suas habilidades como feirantes e os aspectos culturais, são os ativos principais que fazem a feira acontecer. Provando um olhar sobre o espaço construído a partir do vínculo afetivo com tal. As habilidades dos feirantes vão sendo adquiridas ao longo do processo da profissão, trata-se não de predeterminar as formas finais das coisas e todos os passos necessários para chegar lá, mas de abrir um caminho e improvisar uma passagem.

> "A feira já é uma tradição. Quem fizer a Feira da Ceilândia...Falou Feira da Ceilândia, a tradição é muito grande. A tradição já é as nossas coisas, o que nós vende as coisas do nordeste. (Relato de Pedro[9], 54 anos, feirante do grupo de Memoristas, 2024)

4.6 Interação e Identidade Cultural

A feira abrange múltiplas temporalidades em um mesmo ambiente e se configura como um espaço de convivência e compartilhamento. Para os feirantes, seu papel ultrapassa a dimensão comercial, sendo também um espaço de cultura e diversidade. Pois, embora as pessoas construam suas vidas de forma individualizada, é na proximidade e na convivência cotidiana que se estabelece um espaço compartilhado.

> "O papel da feira da Ceilândia, ele é um ponto histórico a feira da Ceilândia, ela não é simplesmente uma feira ela é a feira, ela é um ponto de encontro ela é um cartão postal da Ceilândia ela é um cartão postal em nome relacionado a feiras, entendeu? Qualquer canto de Brasília a feira da Ceilândia, não tem um que não sabe, entendeu? Então a feira ela tem uma tradição e tem essa tradição, como se a banca do papai, que é a única aqui de embalagem há muitos anos, a banca muitas de tempero aqui, que são de pessoas antigas, entendeu? Então assim, a feira tem que ter essa tradição". (Relato de Igor[10], 35 anos, feirante do grupo de Legatários, 2024)

No momento em que nos dispomos a escutar e pudemos reconhecer as vivências individuais, reparamos que através delas, também é possível compreender a dinâmica da coletividade, onde o compartilhamento dessas experiências é constitutivo da vida nesse tipo de território. Revelando que é a convivência e o compartilhamento coletivo da compreensão entre as pessoas do que esse espaço significa, que impacta diretamente na preservação e promoção da feira e suas características culturais, mais do que de avanços tecnológicos ou de formas de produção associadas à industrialização capitalista.

Nesse contexto, as feiras desempenham um papel crucial como espaços essenciais para o desenvolvimento e a integração social. Sua importância para a sociedade transcende a função comercial, sendo um ponto de encontro de saberes e experiências. Ao favorecer relações de

[9] Nome fictício
[10] Nome fictício

ente e disciplinado. Enquanto as

cooperação, troca e reconhecimento mútuo, esses espaços também apontam para formas mais situadas e éticas de habitar o espaço urbano, nas quais a vida coletiva, o cuidado com o território e a valorização de saberes locais se tornam centrais.

5 Implicações epistemológicas para o design: Aprendizados da feira

A observação e o estudo de espaços, como o de nosso objeto de estudo, oferecem a possibilidade de compreender as sociedades que o praticam, seus modos de vida, capacidade inventiva, criativa, organizacional e as tecnologias envolvidas, analisando por consequência suas bases culturais. Ainda que esses pontos não sejam permanentes, pois, acompanham a vida e a evolução da cidade, sua dinâmica social e sua organização espacial.

Viver em um mundo altamente codificado, acelerado e orientado pelo imperativo produtivista do capitalismo exige repensar modos de vida, com foco na mitigação de danos e na adaptação a um mundo mais instável. Nesse sentido, é preciso destacar que mesmo em um cenário altamente acelerado, as práticas lentas, territoriais e relacionais permanecem fundamentais. Em espaços marginais como o da feira, identificamos uma dinâmica onde dedica-se mais atenção aos processos de modos de fazer que surgem por meio de astúcias sociais, interação, troca e hibridização cultural. Observa-se que é preciso pensar em práticas que vão além da lógica da eficiência instrumental e retomar a questão da identidade, comunidade e território.

Esse deslocamento evidencia que o ato de projetar não pode ser reduzido a um gesto técnico, funcionalista ou neutro. Pelo contrário, ele é sempre expressão de um sujeito em constante negociação entre suas potências internas e as forças externas que o interpelam. Reconhecer essa complexidade é fundamental para compreender que a práxis não é apenas um modo de fazer, mas um modo de existir no mundo; e que, nesse processo, o designer encontra também um espaço de construção identitária, ous seja, uma forma de afirmar quem é, o que vê e o que escolhe transformar.

O constante desenvolvimento e transformação dos espaços públicos, particularmente aqueles que abrigam feiras populares, é influenciado por uma série de fatores, entre os quais se destacam as mudanças nas condições econômicas, sociais e culturais, contando principalmente com a participação ativa da comunidade nesses processos. Compreender como tecnologias e práticas sociotécnicas se articulam nesses contextos torna-se, portanto, fundamental para entendermos formas alternativas em que territórios possam evoluir de forma inclusiva e socialmente situada.

ente e disciplinado. Enquanto as

Essas práticas de desenvolver "tecnologias para permanecer", no contexto dos feirantes, oferece uma rica reflexão sobre como saberes populares, astúcia e inovação podem se integrar em um processo contínuo de adaptação e sobrevivência. Um dos grandes aprendizados que a feira nos apresenta para, enquanto designers, pensarmos em modos de habitar e criar está na compreensão de que muitas das práticas que sustentam a vida cotidiana precisam ser maleáveis e adaptáveis às circunstâncias.

No contexto da feira, as atividades não se organizam a partir de um modelo único ou rigidamente padronizado, mas variam conforme a experiência, o repertório e o modo particular com que cada feirante desenvolve seu trabalho, sem deixar de lado a consciência da vivência em comunidade. A interação constante entre os feirantes, consequência da obrigação da vizinhança, configura um terreno comum, no qual suas vozes, experiências e práticas se entrelaçam. Fazendo com que a tensão entre o individual e o coletivo se revele no cotidiano, sendo um reflexo das complexas interações que permeiam a vida em comum.

Trata-se ainda de um aprendizado que valoriza uma temporalidade mais sensível aos processos do que aos resultados imediatos, respeitando o tempo do que está sendo produzido e reconhecendo que diferentes circunstâncias exigem soluções distintas. Ao operar a partir das ferramentas disponíveis e de uma compreensão situada do mundo, os feirantes demonstram que habitar no antropoceno também implica desenvolver práticas capazes de responder criativamente às contingências do território.

O design, como campo de estudo, tem se destacado na análise das soluções que emergem nas práticas cotidianas das sociedades, especialmente ao considerar as interações entre o ambiente físico e as dinâmicas sociais. Mais do que a questão da materialidade, temos como meta um design que leve em conta os modos de vida e as práticas sociais significativas. Torna-se necessário, portanto, reconhecer que os elementos implícitos presentes nas experiências sociais, entre eles território, afetos e histórias, são fundamentais para orientar a criação de espaços e narrativas capazes de refletir criticamente sobre a construção de outros mundos.

A esse cenário soma-se a análise de Bauman (2012), que determina a práxis como a atividade humana de transformar o mundo, a cultura e a si mesmo, superando o caos e a alienação através da ação criativa. O fato é que, se não temos essa convicção sobre nossa cultura, nossa visão de mundo, entre outras características que ancoram a nossa compreensão de identidade pessoal e

coletiva, acabamos projetando baseados em perspectivas externas e descorporificadas, que só servem para reforçar uma suposta universalidade que, na verdade, é ilusória.

Essa postura, fundada em um olhar simplificado e distante das particularidades dos sujeitos, tende a homogeneizar e distorcer a produção de conhecimento, apagando diferenças e restringindo possibilidades. É sempre de uma perspectiva situada (Haraway, 1998), que surgem conhecimentos que são verdadeiramente contextualizados, baseados na experiência como essencial para uma melhor compreensão e conhecimento da realidade, bem como o fato de que “as emoções não estão dissociadas da razão” e são, inclusivamente, necessárias para a produção de conhecimento.

6 Referências

Bauman, Z. Ensaios sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Cardoso, R. Design para um mundo complexo. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

Certeau, M. A Invenção do Cotidiano. São Paulo: Vozes, 2014.

Haraway, D. (1995). Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, 5, 7-41

Harvey, D. Espaços de Esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

Lucas, T. P. Ceilândia: A cidade como espaço de comunicação. Orientador: Claudia Busato. 2007. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2007. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1493/2/20264767.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.

Jacques, P. B. Estética da Ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

Ramos, A. O que podemos aprender com a Feira?: Experimentos e percursos de encontro entre a coisa-espaço, a coisa-feira, a coisa-corpo e a coisa-dissertação. Orientador: Juliana Michaello Dias. 2024. Dissertação (Doutorado em Arquitetura) - Programa de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo - FAU (UFAL), Maceió, 2024.

Rizardi, B.; Metello, D. Design sistêmico: abraçando a complexidade no setor público. Brasil: Escola Nacional de Administração Pública (Enap), 2022. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/7204/1/gnova_design_sistemico.pdf. Acesso em: 20/03/2025.

Santos, M. A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp, 2003.

ente e disciplinado. Enquanto as